

AS PEDRAS DE DENISE MILAN CRISTALIZAM O MISTÉRIO DO MUNDO PARA NOS RECONCILIAR COM ELE

POR DENISE POTTIER | A Terra e seus mitos servem de inspiração para Denise Milan, uma artista visionária e polímata, que gosta de explorar Escrituras de pedras e cristais para transcervê-los em criações místicas. Escultora? Ela não transforma materiais, mas os narra, dando rédea livre a uma brilhante intuição. Poeta? Seu trabalho visual é frequentemente acompanhado por versos vertiginosos. Visionária, ela expande e cruza seus conhecimentos com todas as disciplinas artísticas e científicas para cristalizar seu gesto criativo e nos reconciliar com uma Terra que não conhecemos. Sua instalação em exposição na Bienal do Mercosul em Porto Alegre (BRASIL) até 20 de novembro possibilita medir a incandescência dessa memória no trabalho.

18/11/2022 Por Redação

POR MARC POTTIER

A Terra e seus mitos servem de inspiração para Denise Milan, uma artista visionária e polímata, que gosta de explorar Escrituras de pedras e cristais para transcervê-los em criações infinitas. Escultora? Ela não transforma materiais, mas os narra, dando rédea livre a uma brilhante intuição. Poeta? Seu trabalho visual é frequentemente acompanhado por versos vertiginosos. Visionária, ela expande e cruza seus conhecimentos com todas as disciplinas artísticas e científicas para cristalizar seu gesto criativo e nos reconciliar com uma Terra que não conhecemos. Sua instalação em exposição na Bienal do Mercosul em Porto Alegre (BRASIL) até 20 de novembro possibilita medir a incandescência dessa memória no trabalho.

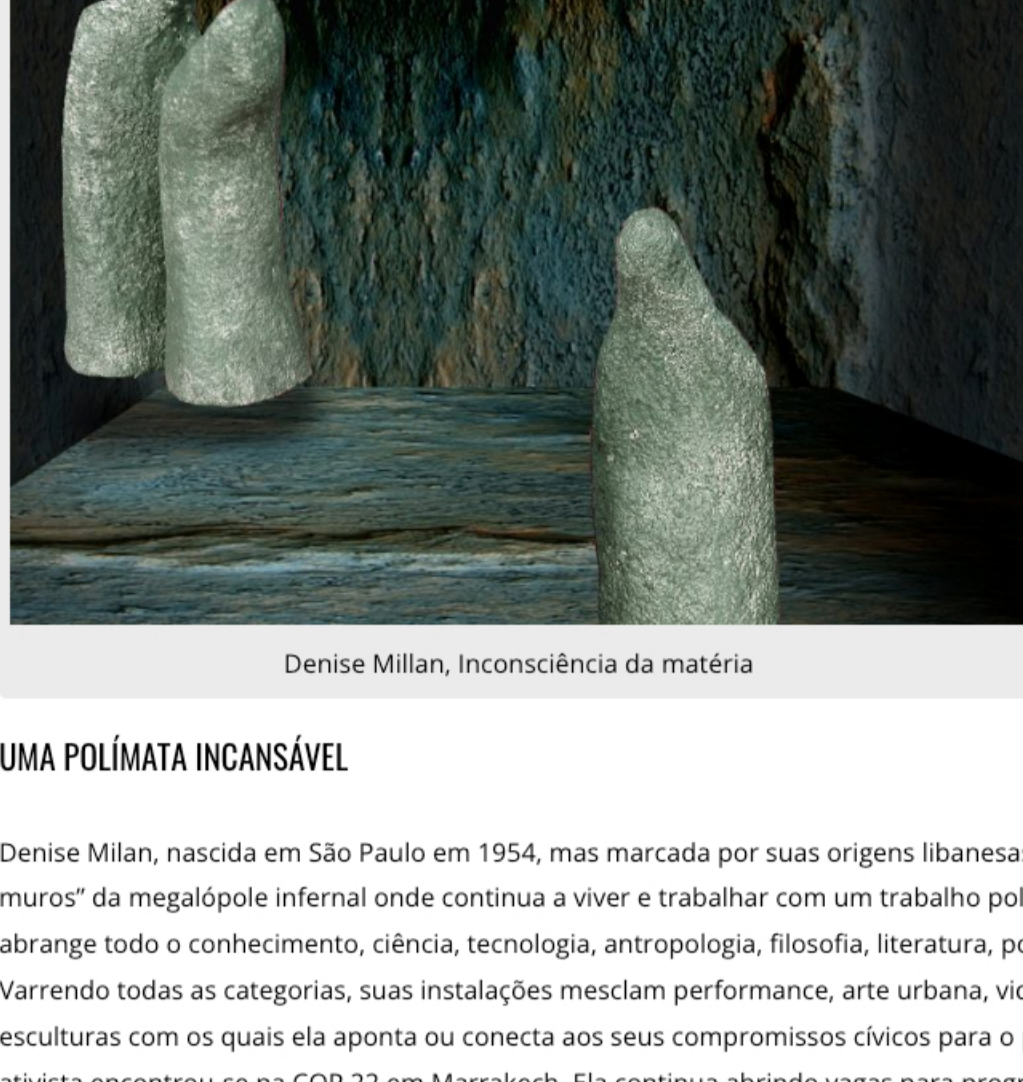


Denise Milan, Ópera das Pedras

EU VIAJO NA MINHA IMAGINAÇÃO

"Viajo na minha imaginação e vejo a Terra de todos os ângulos possíveis em todas as épocas que ela contém. Eu vejo isso de cima e de dentro, porque eu me vejo como uma peregrina viajando através de seu subterrâneo"

Denise Milan



Denise Milan, TrinCar, exposta no Margs durante a 13ª Bienal do Mercosul | FOTO: Mateus Bruxel

Qual é a paleta criativa de Denise Milan? Os enigmas da Terra e suas interações com o Universo, mesmo que isso signifique transformá-los em uma esfinge, levando-nos para Édipo. Mais poeticamente, a superfície da Terra com suas entranhas, águas e biosfera, bem como a cosmogonia ligando a Terra aos demais planetas.

Influenciada pelo trabalho do geólogo brasileiro Fernando Flávio Marques de Almeida (1916-2013), a artista explora tanto as "vísceras" do mundo quanto sua correspondência com o universo. Essa visão holística a aproximou de muitos artistas e cientistas. Correspondendo pela arqueóloga americana Anna Curtenius Roosevelt (1946), especialista em interação no ambiente humano, que participou das escavações da Caverna da Pedra Pintada, perto de Monte Alegre, na zona norte da Amazônia, revelando uma arte rupestre que data de cerca de 11.200 a.C. Denise também cita a arqueóloga brasileira Denise Schaan (1963-2018), especialista em culturas pré-colombianas que, entre outras coisas, estudou geógrafos, esses grandes desenhos misteriosos e inexplicáveis no chão, como as linhas de Nazca no Peru.

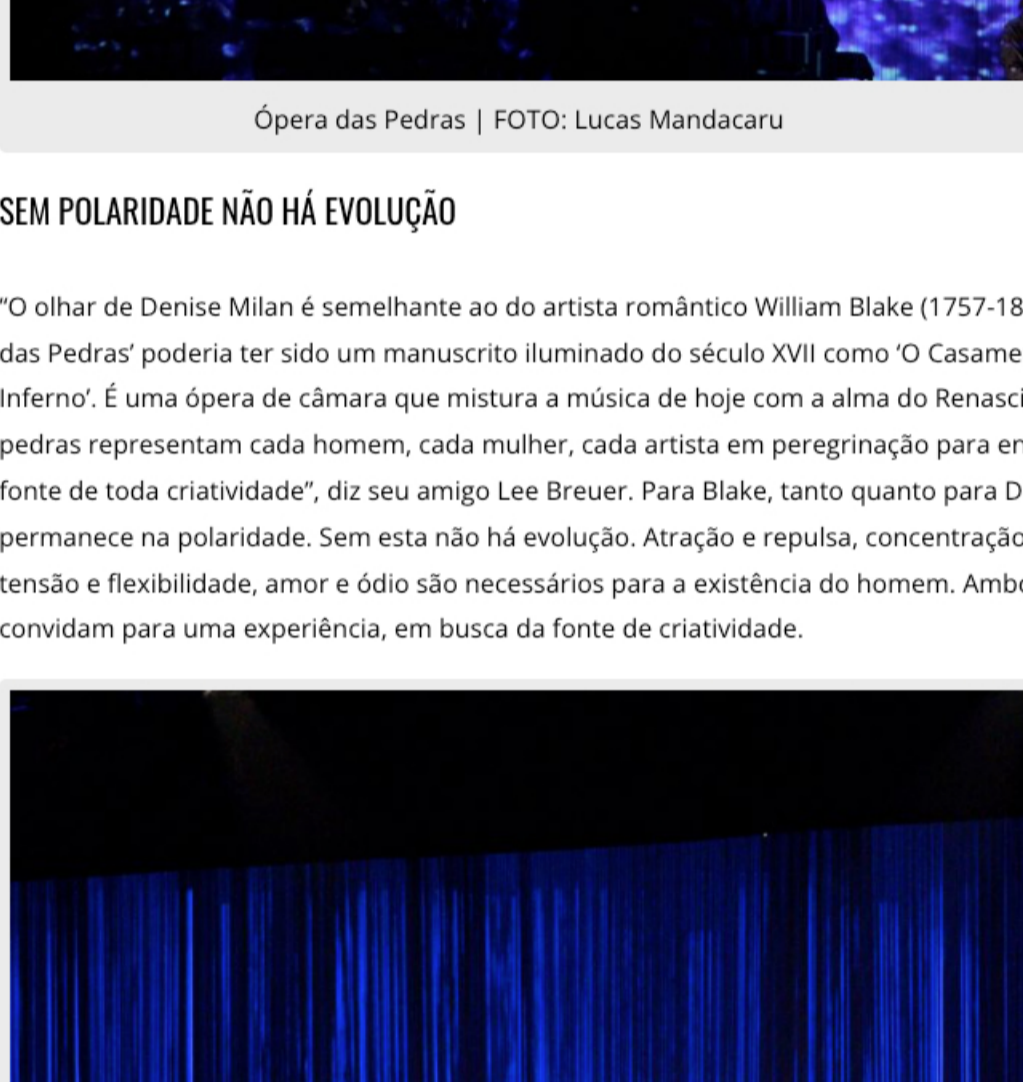


Denise Milan, Inconsciência da matéria

UMA POLÍMATA INCANSÁVEL

Denise Milan, nascida em São Paulo em 1954, mas marcada por suas origens libanesas, empurra "os muros" da megalópole infernal onde continua a viver e trabalhar com um trabalho polimorfo que abrange todo o conhecimento, ciência, tecnologia, antropologia, filosofia, literatura, poesia e música. Variando todas as categorias, suas instalações declamam: arte urbana, música, ópera e esculturas com os quais ela aponta ou conecta seus compreendimentos cívicos para o planeta. Esta artista encontrou-se na COP 22 em Marrakech. Ela continua abrindo vagas para programas educacionais que criou para os mais jovens, como o Espetáculo da Terra, inspirado em sua ópera 'Ópera das Pedras'. As oficinas (Arte, Ciência, História, Poesia, Teatro, Música) terminam com uma apresentação de rua. Toda a produção é feita e projetada coletivamente utilizando materiais reciclados para criar um espetáculo-processo em que mil crianças das comunidades paulistas participam.

Valete de todos os negócios, curiosa sobre todas as novas tecnologias, esta experimentadora e inventora busca compor por todos os meios uma arte generosa, na qual todos os "sons" do mundo seriam bem-vindos. Entre suas influências intelectuais, o minimalista americano John Cage (1912-1992) ocupa um lugar de destaque.



Espetáculo da Terra | FOTO: Lucas Mandacaru

SACRALIZAR O POTENCIAL QUE EMANA DA MATÉRIA

Sua arte urbana, da qual é protagonista ferrenha, se funde com uma prática social que visa transformar a vida de crianças em comunidades desfavorecidas. As performances musicais acompanham sua pesquisa, trabalhando o "invisível" da obra e, assim, sacralizam o potencial que emana do material. Foi em 1981, quando se mudou para Nova York, que ela ampliou seu conhecimento de performance e teatro experimental com artistas e diretores de vanguarda, como Richard Schechner (1934), um dos teóricos do teatro contemporâneo e diretor da *Performing Garage* ou Bob Wilson (1941) e especialmente Lee Breuer (1937-2021), lendado do teatro e fundador americano com Philip Glass (1937) da companhia de teatro experimental "Mabou Mines", que ela convidou para conduzir sua ópera.



Ópera das Pedras | FOTO: Lucas Mandacaru

A PEDRA COMO A ORIGEM E O RENASCIMENTO DO MUNDO

Sua Ópera das Pedras, apresentada no Sesc Pirangi, em São Paulo, em maio de 2010, é um chamado profético, uma canção poética que trata do imaginário da pedra, mostrando a Terra como o tema da própria vida. A pedra, assumida como a origem e o renascimento do mundo, é a protagonista deste épico em que o drama humano é, portanto, representado metafóricamente. Do magma ao quartzo, a história conta o drama do cristal em perpétua transformação. Cristal como a perfeição da natureza, serve como espelho e reflexo dos desejos do Homem. Esta ópera é uma canção de Renovação na qual a voz da pedra é ouvida encenando a passagem, talvez possível, do caos à ordem. A Terra, exausta e devastada pela ganância humana, dá lugar à Terra renovada pelo amor.



Ópera das Pedras | FOTO: Lucas Mandacaru

SEM POLARIDADE NÃO HÁ EVOLUÇÃO

"O olhar de Denise Milan é semelhante ao do artista romântico William Blake (1757-1827). A Ópera das Pedras poderia ter sido um manuscrito iluminado do século XVII como "O Casamento do Céu e do Inferno". É uma ópera de câmara que mistura a música de hoje com a alma do Renascimento. As pedras representam cada homem, cada mulher, cada artista em peregrinação para encontrar o Graal, fonte de toda criatividade", diz seu amigo Lee Breuer. Para Blake, tanto quanto para Denise, tudo permanece na polaridade. Sem esta não há evolução. Atrair e repulsa, concentração e dispersão, tensão e flexibilidade, amor e ódio são necessários para a existência do homem. Ambos os artistas convidam para uma experiência, em busca da fonte de vitalidade.



Ópera das Pedras | FOTO: Lucas Mandacaru

AS PEDRAS MÍTICAS QUE ABRIGAM TODA A HUMANIDADE

"Ópera das Pedras" é inspirada na alegoria da caverna de Platão, que expõe em termos metafóricos as condições de ascensão do homem ao conhecimento do Bem, bem como a sua transmissão. Ela também apela ao mito sobre os indígenas brasileiros Ikolen Gavão, de Rondônia. Para estes, a humanidade estava escondida sob uma grande rocha. Ao ouvir um vozes altas vindas da pedra, todos os habitantes do bloco duro se uniram para fazer buracos na pedra. Denise explica: "Assim como no meu trabalho, os valores humanos são atribuídos ao quartzo. A pedra de quartzo, um mineral comum e universal, está presente em 70% da crosta terrestre do nosso planeta".

Eu vi uma parábola moderna nestas histórias dessas pedras míticas que abrigam toda a humanidade mortal e coincidem com a pedra azul do cosmos, a Terra em renovação.

Denise Milan



Ópera das Pedras | FOTO: Lucas Mandacaru

TRABALHANDO NAS POSSIBILIDADES INSUSPEITÁVEIS

Denise Milan é uma artista que sabe inventar seu próprio espaço de liberdade. É provavelmente por isso que ela se sente próxima da artista americana Laurie Anderson (1947). Longe de qualquer formalismo, elas sabem como desenvolver uma arte lúdica de colagens e justaposições sonoras e visuais cujos componentes aparentemente heterogêneos encontram um eio através da lógica secreta de uma criação poética. Suas performances combinando diferentes mídias demonstram que, sem pertencer a qualquer música, são ricas em possibilidades insuspeitáveis.

FONTE DOS SINAIS ABERTOS DA TERRA



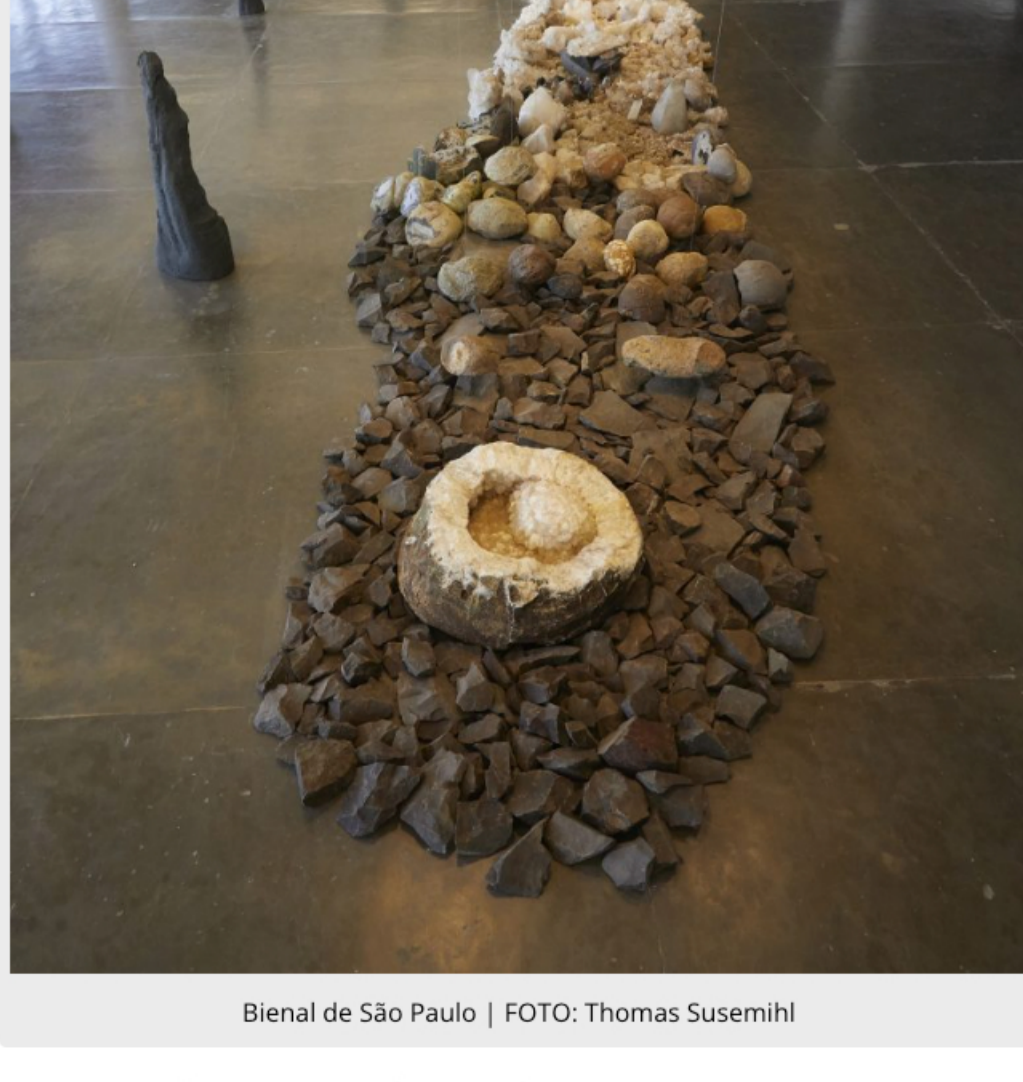
Denise Milan, Último Encontro

O trabalho escultural de Denise Milan é essencial e o complemento indispensável para seus espetáculos, performances, escritos... Para ela, que pensa em seu próprio corpo como um cristal, um corpo translúcido, através do qual a luz pode passar.

As pequenas figuras humanas que ela introduz em suas composições somos nós, enfrentando a imensidão do universo. A Pedra não é apenas uma metáfora, mas o coração físico de seu trabalho em grandes montagens onde não transforma as formas, dada a perfeição da aparência natural das pedras selecionadas.

A partir de 1988, a pedra, o cristal, torna-se seu eixo de criação, fonte dos sinais abertos da Terra, vibrações moleculares. Os diferentes estados da matéria na mutação eterna são capazes de nos informar sobre a ordem do universo.

A PEDRA ORÁCULO



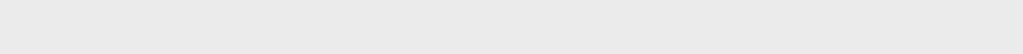
Garden of Light | FOTO: Jay Colton

Com o cristal como um fio condutor que sobrepõe os tempos, a obra mística do val e vem permanente entre mitos, ficção e realidade e se transforma para nos levar a mais luzes. Denise Milan também é poeta, não vamos esquecer: "O mito está nas profundezas do ser. Quando é evocado, ele se permite ser revelado e traz à tona uma magia que pertence à humanidade. Há uma coincidência entre o Jardim da Luz (1998), a cidade do Apocalipse e mais precisamente o mito medieval de "In Braccio", um mito cujo nome coincide com a Terra do Brasil, Terra Brasilia, um lugar cujas relações são harmoniosas e claras. Neste continente imaginário que às vezes pode se apreender aqui e agora, as contradições deixam de existir e quando não concordamos com nossas resistências, podemos alcançar nosso ser. Ser é cristalino. A ilha dos cristais é uma metáfora para ser. As vezes ela se esconde, às vezes ela se deixa ser descoberta. Para acessá-la, você tem que procurar. O ponto de partida é novo", diz Denise Milan.

"EU DEI ÀS PEDRAS A LÍNGUA QUE ME FOI TIRADA" DM

De onde veio essa fertilidade imaginativa? Denise levanta parte do véu nos confidenciando: "Minha imaginação foi traçada do Oriente nesta terra brasileira. Obviamente, mesmo que os oráculos desta visãoária inspirem-se em às vezes enigmáticas, toda a complexidade benevolente de seu trabalho, cuja Terra e Pedras são apenas uma magnífica "cristalização" do sentido literal e figurativo, visa nos (re)conectar ao universo. O que Maurice Blanchot (1907-2003) escreveu em suas crônicas dos Debates sobre William Blake seria melhor: "Para Blake, as coisas reais que vemos devem dar lugar a coisas imaginárias que por si só manifestam sua verdadeira natureza". Para completar, o que Martin Heidegger (1889-1976) fala sobre o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) (outro mentor de Denise), que mescla arte e vida em tal ponto de incandescência: "Aquele que, por sua criação, manifesta o mistério do mundo não se pode mostrar. Através da matéria mineral e da matéria animal, tende a recuperar a essência da vida e seu surgimento. Ele está em busca de uma memória histórica e humana...".

Deixe-se inspirar-se por Denise Milan!



Denise Milan, Mão de Deus

UMA METÁFORA PARA A EXISTÊNCIA

Ao contrário de sua enigmática "floresta humana", instalação composta por humanitas e ametistas colocados no chão, e em plena luz da 33ª Bienal de São Paulo em 2018, "TrinCar", obra imaginada para a 13ª Bienal do Mercosul deste ano, só pode ser descoberta no escuro. O público deve se agachar de uma grande rachadura que aparece como uma grande cicatriz horizontal de quatorze metros de comprimento em uma parede preta para descobrir à luz de sua oca instalação composta por uma quantidade gigantesca de ametistas (quartzo roxo) e muitas projeções cristalinas de gesso, bem como esferas de vidro translúcidas.

Denise Milan, TrinCar, exposta no Margs durante a 13ª Bienal do Mercosul | FOTO: Mateus Bruxel

"FAZEMOS PARTE DO MAIOR EVENTO DA CRIAÇÃO" DM

"A Terra sempre conta suas histórias. Em seus primeiros dias, os continentes formaram um único bloco chamado Pangeia, há 220 milhões de anos. O supercontinente começou a rachar e se separar e há 130 milhões de anos, graças à dinâmica das placas tectônicas. Brasil, África e Índia se tornaram os continentes que conhecemos hoje. Em seguida, uma grande lava vulcânica eclodiu na região sul do Brasil, no atual Rio Grande do Sul, nosso estado mais ao sul, e o magma deu origem às ametistas presentes nesta instalação. "Por que estar aqui, mas eu, é um tributo ao tempo das grandes transformações da Terra - sua maneira única de se adaptar à sua própria maneira de cura".

Conectar as grandes transformações da Terra às nossas próprias histórias é perceber que somos parte do maior evento de criação que nos une a um objetivo comum de sobrevivência.

Bienal de São Paulo | FOTO: Thomas Sussemlhi

Em relação a esses trabalhos anteriores, em um pensamento que sempre renova os conceitos em uma abordagem episódica específica da artista, a instalação foca na gênese de pedras e rochas formadas nas bolhas do magma terrestre. "TrinCar" significa quebrar mais as duas últimas letras em português significam "ar". Esta longa abertura conta o "drama da matéria" em suas "bolhas", lembrando-nos que não poderemos viver sem ar. A rachadura torna visível à alquimia que aponta o caminho para a sobrevivência. Esta cicatriz é a metáfora da surnação, baseada na autoregeneração da matéria.

Denise Milan, TrinCar, exposta no Margs durante a 13ª Bienal do Mercosul | FOTO: Mateus Bruxel

A CRISTALIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA HISTÓRICA E HUMANA.

"O poeta é mais aquele que inspira do que aquele que se inspira". A visão do poeta de Paul Éluard (1895-1952) corresponde ao papel desempenhado por Denise. Obviamente, mesmo que os oráculos desta visãoária inspirem-se em às vezes enigmáticas, toda a complexidade benevolente de seu trabalho, cuja Terra e Pedras são apenas uma magnífica "cristalização" do sentido literal e figurativo, visa nos (re)conectar ao universo. O que Maurice Blanchot (1907-2003) escreveu em suas crônicas dos Debates sobre William Blake seria melhor: "Para Blake, as coisas reais que vemos devem dar lugar a coisas imaginárias que por si só manifestam sua verdadeira natureza". Para completar, o que Martin Heidegger (1889-1976) fala sobre o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) (outro mentor de Denise), que mescla arte e vida em tal ponto de incandescência: "Aquele que, por sua criação, manifesta o mistério do mundo não se pode mostrar. Através da matéria mineral e da matéria animal, tende a recuperar a essência da vida e seu surgimento. Ele está em busca de uma memória histórica e humana...".

Deixe-se inspirar-se por Denise Milan!

Denise Milan, TrinCar, exposta no Margs durante a 13ª Bienal do Mercosul | FOTO: Mateus Bruxel